

Artes Plásticas

Edyla Mangabeira Unger

"opinião 66"

São ao todo cinquenta e sete os artistas brasileiros e estrangeiros que estão apresentando alguns de seus trabalhos mais recentes na grande mostra "OPINIAO 66", agora em curso no Museu de Arte Moderna.

Representam eles, em sua grande maioria, a vanguarda atual — a antiarte, a arte sensorial ou tátil, com cujas manifestações poucas pessoas já se acharam familiarizadas. É de estranhar, por conseguinte, a aparente acatização do público em geral, que a meu ver revela, através de uma certa passividade, não tanto a compreensão do que se está passando ali quanto a polidez, a imbecia, a timidez que é muito brasileira — o recato, enfim, de demonstrar uma perplexidade natural, diante de manifestações artísticas inéditas para muitos, e, na verdade, surpreendentes. Porque em mais de uma oportunidade pude observar a maneira por que o público reagia, na América e na Europa, a mostras semelhantes: defendendo, atacando, comentando, indagando — tentando compreender o sentido do que lhe estava sendo apresentado como obras de arte. Sob certos aspectos, semelhante reação será mais positiva, já que ela exige a necessária elucidação. Esta vem sendo realizada, em parte, pelos textos próprios dos artistas contidos no catálogo. Digo em parte porque os artistas muitas vezes não sabem definir a motivação do seu próprio trabalho. Além disso, são muitos os visitantes que não adquirem o catálogo à entrada. Teria sido bem mais eficiente a reprodução desses textos — alguns dos quais citamos mais abaixo — em cartazes colocados ao lado das obras.

Outras atitudes são frequentes e de certo modo compreensíveis, ao observarmos tudo o que resulta de uma ruptura com os elementos tradicionais. Uma é de aceitação total, movida em parte pelo desejo de aprovar o que é novo — o que é moderno — que, em princípio, representa um passo à frente, sem o espírito crítico, que aceita o que possui elementos positivos e rejeita o que se situa na área do simples sensacionalismo. Outra é a atitude negadora "a priori", que se recusa a aceitar qualquer rompimento com as regras tradicionais, com certas normas, para alguns imprescindíveis a realização de uma obra de arte. Os que partem de semelhante ponto de vista devem, porém, levar em conta, antes de mais nada, a diversidade do espírito humano e a plena consciência de que esta diversidade pode ser expressa de maneiras diversas.

O que desde logo se torna evidente em "OPINIAO 66" é a presença, em alguns dos trabalhos, de imagens reconhecíveis, dispostas de maneira irracional, visando a um efeito simbólico. Torna-se, então, necessário admitir que a capacidade de projetar símbolos é uma das prerrogativas da espécie humana. A vida moderna, por outro lado, com suas insuperáveis tensões, pode ser traduzida por certas sensibilidades, através de uma arte dinâmica e, sob alguns aspectos, caótica, como a que nos apresentam vários dos artistas que figuram na mostra.

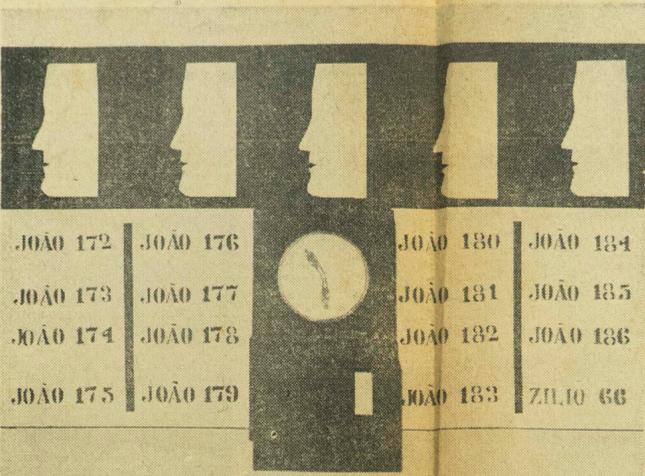
"Minha arte", diz Johnny Nilsson — é como o explodir de muitas sensações — um espelho voltado para o mundo. E do mesmo teor o comentário do pintor belga Cornelille. "Se a imagem fala tão forte hoje em dia, é porque ela nos foi apresentada, nesses últimos anos, em pequenos fragmentos". É a vida, diz Bernard Rancillac — estrepitante, hilariante. Senhor telefone toca, assobia, tilinta, viaja a negócios em helicóptero. Como uma chuva de granizo, de minuto em minuto as imagens se abatem sobre a multidão estupefata. "Numa época em que se fazem mais necessários os despertadores que os cânticos de ninar", Lea Rubin jura a si própria "opor-se a evasão que no fundo toda forma tradicional representa". Para tanto — afirma — "despojei-me de certos vícios da qualidade pictórica". "Chegou a hora da antiarte — proclama, por seu lado, Hélio Oiticica. — Com as apropriações, descobertas e inutilidade da chamada obra de arte". "As bases estão lançadas" — declara Rubens Gerchman. — O problema é dizer cada vez com mais clareza, e se possível, com rapidez".

Uma das imagens que "falam forte", que "dizem com clareza e rapidez", é a que ele, Gerchman, apresenta sob o título de "Um Amor Impossível" — "A Bela Lindoneia". Num quadro branco de matéria plástica, surge, sobre um fundo amarelo, brilhante, pintado sobre vidro, o rosto vulgar e inexpressivo de "A que morreu subitamente". E a tragédia quotidiana, narrada dentro de um contexto anti-sentimental por excelência, adquire um impacto imediato.

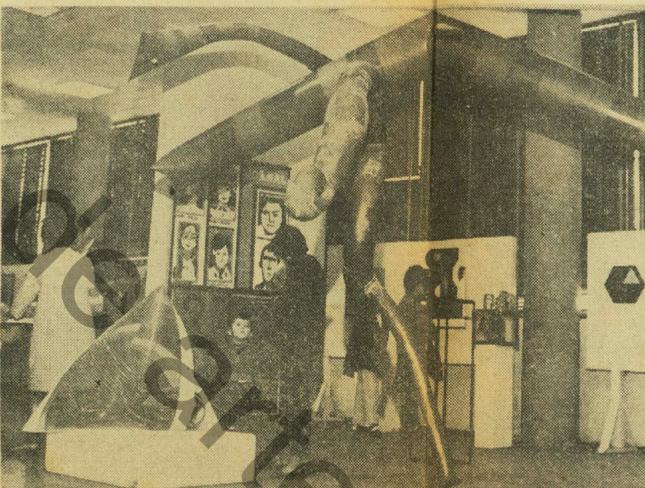
Ligia Clark, que situa de maneira definitiva sua última fase no terreno da arte tátil, apresenta, sobre uma mesa colocada no centro da primeira sala, suas "VIVÊNCIAS", pequenos sacos e almofadas de plástico que contém pedras ou conchas, e o espectador é convidado a manear, o mesmo sucedendo com os tubos de borracha amarrados em torno a outras pedras.

Ligia Clark é, aliás, dos artistas ali representados, uma das que mais se destacam por sua extraordinária capacidade inventiva e cujos trabalhos exigem um maior grau de participação do público que ela considera condição "sine qua non", para a apreensão direta e sensorial do objeto. Nesta modalidade de arte, é possível que o artista tente "criar uma nova ordem, a fim de dominar o tormento da percepção, num mundo espiritual, social e politicamente caótico", como sugere Read, concluindo que "tal conceito explicaria a origem, em nossos dias, de uma sensibilidade totalmente diversa".

Experiência A, B e C são os trabalhos que representam a contribuição de Glauco Rodrigues: gigantescos objetos de plástico (alguns de 5 metros de comprimento) que constituem, segundo ele declara, "um caminho para o funcional". Sua ideia



"JOÃO", um comentário social de Zilio



central é a de criar objetos estéticos que possam ser produzidos em série, para um consumo em massa. O próprio artista não tem ainda uma ideia muito clara da perspectiva que suas experiências lhe abrem "para acompanhar tudo o que está acontecendo, de uma forma extraordinariamente veloz, no mundo", mas é provável que elas representem "uma passagem dos objetos esteticamente úteis, sem aproximar-se, no entanto, dos objetos técnicos meramente "utilitários".

A preocupação social está presente nas obras de Escotelegy, Ana Maria Mainillo, Antônio Dias (com o dinamismo de suas imagens), e Oiticica, que leva por diante, com suas capas Parangolé, o intuito de "criar obras coletivas nas quais colaborem várias individualidades", e que possuem um conteúdo ora social, ora poético. Carlos Vergara, um dos artistas mais importantes do grupo, e que se vem integrando, esta vez mais, no movimento neo-realista, participa com uma obra apenas, e esta foge, de maneira inusitada, ao contexto social. Há algo de nostálgico e surpreendentemente subjetivo em

seu "Meu Sonho Aos Dezoito Anos".

Os trabalhos em retícula de Renato Landim distinguem-se entre os mais significativos, bem como o "João, João, João", de Zilio.

A contribuição estrangeira é surpreendentemente fraca, no que podemos tomar como exemplo a pintura plana e sem grandes atributos inventivos, de Jacob Zekveld (holandês).

A despeito dos objetivos gerais desta mostra, não nos parece indicado apresentar ao público, juntamente às tentativas mais drásticas da antiarte, obras concretistas, e algumas até expressionistas, por válidas que sejam contribuições como as de Francisco Liberato e Ivan Serna.

O critério a seguir seria, possivelmente, apresentar uma exposição que indicasse, através das várias etapas da arte contemporânea, as tendências de que surgiram suas manifestações mais renovadoras, ou limitar a estas o contexto da mostra. Não sendo, obviamente, a intenção dos organizadores de "OPINIAO 66" transformá-la numa demonstração

de ordem didática, parece-nos que a presença de correntes tão diversas aumenta a confusão que as obras apresentadas não podem deixar de criar no espírito do público.

A obra plástica não é um objeto, senão um acontecimento — está a visão fundamental dos integrantes de "OPINIAO 66". Dela decorrem duas consequências gerais: — a obra plástica, transformada em evento, não permanece presa ao quadro — coaduna-se com todo o material. Transformada em evento, ela exige participação para tornar-se viva e, portanto, verdadeiramente real.

Apropriação ou antiarte, o fato permanece: alguns destes trabalhos, despojados, embora, de qualquer sentido estético aparente, provocam certas reações de algum modo análogas à satisfação que sentimos diante de obras de arte realizadas dentro de um contexto mais tradicional. Só o futuro dirá se eles sobreviverão ao tempo ou se lhes cabe morrer instantaneamente, como a Bela Lindoneia, na plena flor dos anos...

UM AMOR IMPOSSÍVEL

A BELA LINDONEIA
 DE 18 ANOS MORREU INSTANTANEAMENTE

...UM AMOR IMPOSSÍVEL — A BELA LINDONEIA,
 de Rubens Gerchman

EXPERIÊNCIA A, B e C, de Glauco Rodrigues:
 "um caminho para o funcional..."

O ATELIER DE GRAVURA DA ESCOLA NACIONAL DE BELAS-ARTES

Foi fundado, há quinze anos, o "atelier" de gravura da Escola Nacional de Belas-Artes, onde Goeldi lecionou durante muito tempo.

Agora, é Adir Botelho que tem a seu cargo ensinar as várias técnicas da gravura, em metal e madeira, aos alunos ali matriculados, cujo número é, em média, de cinquenta e cinco. Eles não precisam pertencer à ENBA nem seguir horários rígidos. Entram e saem quando querem, trazendo seu próprio material.

O que impressiona logo quem visita o "atelier" é o espírito de cooperação entre o mestre e os alunos e a maneira por que estes consultam uns aos outros — trocando sugestões —, comparando experiências.

As provas, esboçadas no chão, são criticadas em comum. Adir Botelho é considerado com frequência indicando, aqui, o motivo pelo qual não foi possível obter o efeito desejado, sugerindo, ali, a solução mais indicada, ajudando uns e outros a encontrar os seus próprios caminhos.

São muitos os artistas, já hoje consagrados, que por ali passaram. A maior parte deles permaneceu fiel à gravura. Porém, muitos os que, após um ou outros caminhos, como Antônio Dias, e Gerchman, por exemplo, devem, em parte, a técnica difícil da gravura sua disciplina artística.

De uns encontram, ali, um ambiente tão propício ao trabalho e uma orientação tão válida que frequentam o "atelier" durante longo espaço de tempo — alguns, até dez anos.

Por não há, nesses, trabalhos por eles executados vêm figurando em coletivas

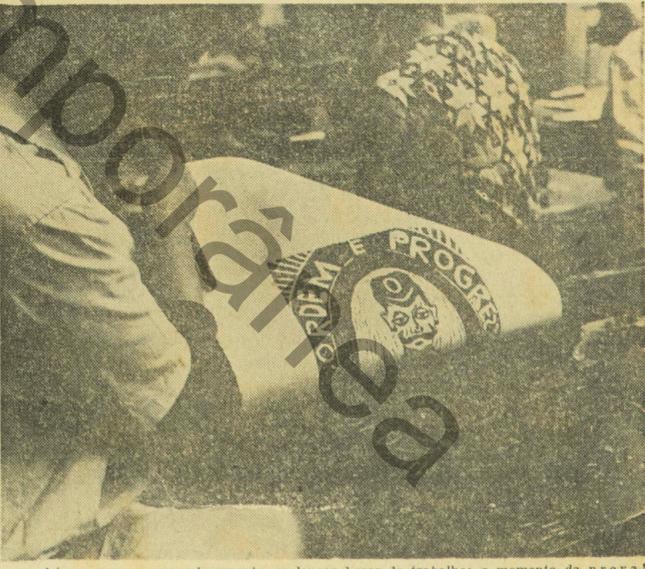
aqui, e no estrangeiro. Agora mesmo, Adir Botelho já selecionou dez que participaram da Bienal de Córdoba. Outras exposições de gravuras executadas por alunos do atelier da ENBA foram realizadas no estrangeiro — uma, no Uruguai, ainda sob a orientação de Goeldi, outra, no Paraguai, com Lívio Abramo.

Uns encontram, na gravura em madeira, a modalidade mais adequada às suas concepções. Há outros para os quais a gravura em metal fornece os elementos que melhor se adaptam à sua linguagem pictórica. Muitos trabalham quase um ano em preto e branco antes de serem solicitados ao uso da cor.

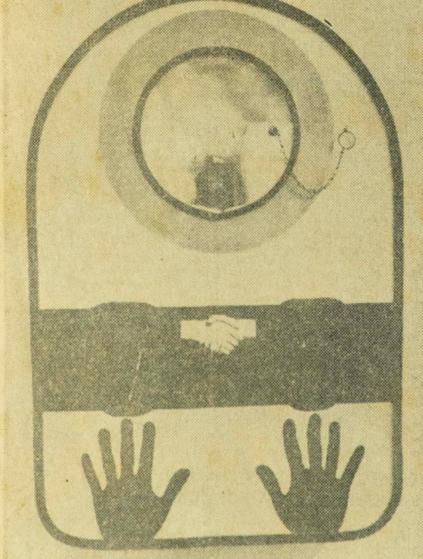
Todos consideram que as exigências apresentadas por uma técnica árdua são plenamente compensadas pela satisfação que encontram no trabalho, pelas perspectivas que este lhes oferece, e pela disciplina artística obtida através dele.

E há, sobretudo, o momento decisivo — o que é mais esperado — o que compensa plenamente as longas horas — os longos dias — os longos anos de trabalho: o momento da prova.

Agora a atividade, no "atelier", ainda é maior que de costume. E que, a 5 de setembro próximo, vai ser realizada a grande feira de gravuras dos alunos: cem trabalhos, ao todo, cujo preço não ultrapassará a casa dos vinte mil cruzeiros. A qualidade dos trabalhos reunidos demonstrará o que vem realizando, graças ao que aprenderam no "atelier" de gravura da Escola Nacional de Belas-Artes, e a cooperação de todos os que ali trabalharam, os alunos de Adir Botelho.



... e há o que compensa, plenamente, as longas horas de trabalho: o momento da prova!



"PERIGO" — AS MAOS AMIGAS, de Roberto Lanari

Opiniões Sobre a "Opinião"

Pareceu-nos do mais alto interesse colher as opiniões de alguns dos artistas que dela participam, sobre a "OPINIAO 66". É o que a seguir transcrevemos. CARLOS VERGARA — "OPINIAO 66" é simplesmente mais uma coletiva, coisa que não acrescenta quase nada, para nós, e deixa o público confuso diante de ideias e períodos antagônicos. Talvez, principalmente, pela presença em contrário, a vanguarda está-se firmando. ZILIO — Resumindo: pode-se dizer que o resultado foi bom. Primordialmente pela representação brasileira que, embora demonstre todo um processo de formação, dada a média de idade dos artistas, sobreviveu em termos de pesquisa, claramente, a europeia. Embora o público de inauguração seja especial, o clima ainda foi o de polêmica e indagação. Contudo, ao meu ver, dia a dia, a arte de vanguarda começa a firmar-se, ganhando público e respeito. RENATO LANDIM — A posição organizou-se dentro de um contexto em que a participação de certas obras (expressionistas, abstratas etc.) se fazia impossível ou quase. A reação público-obra pouco se faz notar, com exceção dos trabalhos de Hélio Oiticica, Glauco Rodrigues, Lygia Clark e Pedro Escosteguy. O público apreciou tudo com o eterno monótono fora respeito, ora gozador, ora boquiaberto. Se a arte de vanguarda no Brasil está ou não se firmando é difícil responder. Pode-se contudo afirmar que, se as obras estrangeiras apresentadas são de fato o que há de novo no exterior, nós somos, realmente, de vanguarda. LYGIA CLARK — Atenção, organizadores de "OPINIAO 66": Provavelmente vai nascer um grupo que se chamará "DISSIDENCIA" e cujo objetivo será mostrar ao público o que para nós artistas representaria, realmente, o pensamento da vanguarda.

O Estilo em Crise

A colaboração abaixo registrada pode ajudar a enquadrar em perspectivas mais amplas nosso atual momento artístico.

A crise do estilo, nas artes plásticas contemporâneas, apresenta-se, de um lado, como uma crise de unidade nas obras plásticas e, de outro, como uma crise de sistematização na teoria da arte. Na verdade, uma surgiu independentemente da outra, mas ambas se realçam e se iluminam.

Comessemos pela segunda que Hauser descreveu, no seu ensaio: "A História de Arte sem Nomes". A teoria do estilo artístico como modo de interpretar a evolução estética, esboçada por Hauser, e a crítica, estabelecida, nas mãos do seu criador, Heinrich Wölfflin, sob a influência do neo-kantismo, um conjunto abstrato e fechado de características antitéticas que marcariam, não só a oposição Renascimento-Barroco, e que ele partiu, senão também toda a história da arte.

Esta formulação, que submerge o material no formal, e o singular no geral, começou a ruir com as obras de Dvorák e de Wilhelm Fliedner, preocupados, ambos, embora de modo diverso, com a continuidade do desenvolvimento histórico. Finalmente, numa terceira fase — a contemporânea —, tenta-se salvar o conceito, analisando-o como "Gestalt" ou "IdealHypus" (tal Hauser) ou como conjunto de normas (tal o teórico de literatura Wellek), mas, ao mesmo tempo, sente-se a necessidade de transcender o estético, ora fundando o estilo em realidades sociais, ora estabelecendo, entre estas e aquelas, correspondências estruturais. Esta última tendência partiu, tanto dos teóricos de arte e literatura (Hauser, Lucien Goldmann), como dos antropólogos culturais (Ernst Rothacker, Levi-Strauss). Em uma palavra: a teoria de estilo, para manter-se, teve que expandir-se, abrangendo o todo cultural, e acolhendo conceitos de outras ciências humanas.

Se não voltarmos, agora, para as obras plásticas em si, encontraremos uma crise que obscurece, não só o estilo do nosso tempo, como também, o campo de sua manifestação, isto é, a ideia de uma obra de arte.

Sob este ponto de vista, não nos deve iludir a tentativa de Hauser, culminando na sua recente obra, "O Maneirismo", de traçar um estreito paralelo entre o Maneirismo e a arte de nosso tempo.

Há uma "mise-en-question" da própria experiência de unidade formal, que abala as raízes da tradição artística do Ocidente. Levada às suas últimas consequências, ela reabrirá a crise na teoria da arte, e, comparadas situações análogas, não é possível reduzi-la a transformações sociais, que nada sequer se semelhante produziram em épocas passadas. Mais plausível seria, talvez, correlacioná-la com a desintegração de toda a cultura ocidental. Mas, aqui, estamos no terreno da problemática. Compreende-se, assim, como as duas crises — a do estilo, na teoria artística, e a do estilo na obra plástica — convergem porque é comum a sua implicação fundamental: o eclipse da experiência perceptiva da unidade das formas. A visão desta convergência existe, hoje, não como teoria, senão como ideologia no plano, isto é, do que Rothacker chamou "a estética do artista" ou "a dogmática da arte". Sua elevação ao nível da teoria é tarefa inadiável.

Observemos, por fim, que a singularidade da experiência presente indica sua importância para a experiência futura. Crise e decisão; se nosso momento é crítico, é porque ele é decisivo.

R. M. U.

aconteceu agora... agora mesmo voce saberá!

De hora em hora, a Rádio Globo apresenta

O GLOBO NO AR

a notícia como ela é rápida e completa!

Mais um valioso serviço do

BARCO PORTUGUÊS DO BRASIL S.A.

115 AGENCIAS EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL

MAURO BARCELLOS
 ADVOGADO Rua Debrat, 23, 13.º andar —
 Telefone: 42-0698

MÚSICA DOS "BEATLES" EM PRIMEIRA MÃO NA RÁDIO EL Dorado!

De segunda a sexta-feira, às 18h30m — e nos sábados, a partir das 19 horas, a Rádio Eldorado apresenta, com Roberto Nunes no comando, programas com as melodias e notícias do conjunto "The Beatles", sempre em absoluta primazia!

Veja só este exemplo: o novíssimo LP dos "Beatles", "O Revólver" lançada há dias na Inglaterra) está sendo transmitido pela RÁDIO EL Dorado (na faixa dos 550 quilociclos), com exclusividade!

Teatro Educa e Diverte